



sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v20i1p4-31

Tradução Inédita

# *Kantan – Travesseiro dos sonhos* de Yukio Mishima: uma proposta de tradução

*Kantan – The dream pillow* by  
Yukio Mishima: a translation proposal

Kimiko Uchigasaki Pinheiro  
Maria da Glória Magalhães dos Reis<sup>1</sup>

**Kimiko Uchigasaki Pinheiro**

Professora Doutora do curso de Letras Japonês da Universidade de Brasília

**Maria da Glória Magalhães dos Reis**

Professora Doutora do Programa da Pós-Graduação em  
Literatura da Universidade de Brasília

<sup>1</sup> Agradecemos a colaboração da professora Tae Suzuki, aos participantes do grupo de pesquisa Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas e ao coletivo teatral Na Classe e em Cena na tradução da peça.



## Algumas considerações sobre a peça traduzida

Esta tradução foi realizada para uma tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade de Brasília, defendida em 6 de março de 2020. O estudo está relacionado à educação literária por meio do teatro. De modo geral, a tese aborda o teatro com uma perspectiva de caminho para o ensino de literatura japonesa. Na parte prática deste estudo, engendramos uma leitura cênica da peça *Travesseiro dos sonhos – Kantan*<sup>2</sup> (na língua original) com os educandos do curso de graduação da mesma universidade. A partir dessa experiência, nasceu a necessidade desta tradução. A primeira tradução da peça, diretamente do original, sucedeu-se com a colaboração da Tae Suzuki e a revisão efetivou-se com o grupo de pesquisa Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas<sup>3</sup>.

*Travesseiro dos sonhos (Kantan)* compõe uma das oito peças da obra *Peças de nô moderno (Kindainôgakushû)*, de Yukio Mishima, escritas entre 1950 e 1962 no Japão pós-Segunda Guerra Mundial. Todos os textos teatrais *Peças de nô moderno* são homônimos das peças originais do *nô* tradicional, escritos por Zeami Motokiyo e pai Kan'ami, atores, dramaturgos e teóricos do teatro *nô*. Mishima, grande apreciador do teatro *nô*, as recriou a partir das temáticas desse teatro (que tratavam de altas personalidades culturais e históricas, com temas universais como a morte, o amor, o ódio, o ciúme, a espera e a efemeridade da vida), transformando-as de acordo com o formato do teatro moderno no contexto do Japão contemporâneo. Assim observamos, nessas recriações, os aspectos da forma, como o espaço e o tempo, do teatro *nô* extinta, mas, ao mesmo tempo, há o transbordamento da essência do *nô*. No caso da peça *Travesseiro dos sonhos*, vislumbramos, a partir dos encadeamentos de imagens construídas com os confrontos nos diálogos entre os personagens, a mistura retorcida do essencial, a discussão da questão do existencialismo e o conflito humano no cenário histórico-político de um país devastado.

Yukio Mishima, bastante conhecido pelo romance *Confissões de uma máscara* (1949), foi também dramaturgo, ator e diretor de algumas de suas

2 Em língua japonesa: 邯鄲.

3 Disponível em: <https://bit.ly/2AjELp0>. Acesso em: 10 jun. 2020.

4 Em língua japonesa: 近代能楽集

próprias obras. Sua dramaturgia compreende 62 peças. Escreveu teatro influenciado pelos teatros *nô*, *kabuki* e europeu, neste caso, sobretudo pelas tragédias de Jean Baptiste Racine. Viajou para vários países da Europa, da América e da Ásia. Esteve no Brasil em 1952. Sua estadia numa fazenda de Lins, no interior do estado de São Paulo, o inspirou a compor a peça sobre os descendentes de imigrantes japoneses, *A toca de cupins*, e a opereta *Bom dia, senhora!*, baseada no Carnaval do Rio de Janeiro.

Seu último romance, a tetralogia *O mar da fertilidade*, foi publicado no mesmo ano em que cometeu suicídio, aos 45 anos. Suas últimas palavras, registradas antes de seu ritual suicida, foram: “A vida humana é finita, mas eu gostaria de viver para sempre” (MISHIMA, 1970).

### **Kantan<sup>5</sup> – Travesseiro dos sonhos**

Personagens: Jirô, Kiku, Beldade, Dançarinas (1, 2 e 3), Cavalheiros (1 e 2), Secretário, Médico-mestre, Médicos (1 e 2) e Funcionária.

Os personagens fantasmagóricos devem surgir no palco com segurança, com firmeza, magnificamente. O espaço do palco não pode ficar tão escuro. Um cenário muito escuro pode criar expectativas na plateia que, com a falta de iluminação, pode deixar de concentrar atenção no acontecimento do momento ou do instante. O uso de máscaras pelos personagens que representam vultos ou espíritos é facultativo, de acordo com a necessidade real do diretor.

Em frente à cortina.

Kiku: (*ouve-se a voz*) Não acredito! Você veio, Jirô.

Jirô: (*ouve-se a voz*) Faz dez anos, né, Kikuya, dez anos!

Kiku: (*ouve-se a voz*) Como você cresceu! Ah, posso ajudar a carregar.

Jirô: (*ouve-se a voz*) Não, tudo bem! Eu carrego.

Kiku: Deixe-me ajudar você, ao menos a pasta.

Entra no palco segurando a pasta. Uma senhora com seus quarenta anos, vestida de quimono sóbrio. Em seguida, entra Jirô, um jovem com aproximadamente dezoito anos, vestido com paletó e colete.

---

5 Esta peça é a versão traduzida de *Kantan* (邯鄲), da obra *Peças de nô moderno – Kindainôgakushû* (近代能楽集) de Yukio Mishima. A tradução foi realizada com a colaboração da professora Tae Suzuki. O conteúdo da tradução foi revisado coletivamente pelo grupo de pesquisa Literatura, Educação e Dramaturgias contemporâneas (LEDrac).

Jirô: (*observando ao seu redor*) Hum, ainda está escuro.

Kiku: Mas logo vai clarear. Porque os dias ficam longos nesta época do ano. Por favor, por aqui. (*Ajoelha-se, colocando a mão sobre a cortina.*)

A cortina se abre na frente dos dois, que estão de costas para o público. No centro, um *shôji*<sup>6</sup>. Do teto pendem muitas peças de origami.

Jirô: Uau, que bonito! Mas está arrumado igualzinho ao quarto de quando eu era criança, né?

Kiku: Mas é lógico! Eu nunca esqueço aquele quarto, foi onde eu te criei. Assim, mandei construir uma réplica daquele quarto de Tóquio em que te criei, para nunca perdê-lo.

Jirô: Só que aquele quarto incendiou, não é?

Kiku: Eu sei. Mas, aqui, nada mudou.

Jirô: (*tocando no origami e fazendo girar*) Tenho a sensação de que voltei àquela casa que incendiou. Desde quando está enfeitado deste jeito?

Kiku: Dez anos, já faz dez anos desde que fui despedida. Troco essas peças de origami uma vez por mês.

Jirô: É espantosa a obstinação das mulheres! Nunca deixa de me impressionar!

Kiku: Vamos, vamos, fale mal o quanto quiser. Quando você tinha cinco anos, já tinha esse mau costume de perturbar as pessoas.

Jirô: (*debruçando-se*) Tem blocos de montar. Este foi o que dei a você no dia em que você foi embora. Quanto tempo faz que não brinco com eles! Han, han, este carro passa por baixo desse arco!

Kiku: Esse arco é um pouco baixo demais. E, quando ia fazer passar o carro, você sempre levantava o arco, lembra?

Jirô: Enguiçou de vez... o carro.

Kiku: Hein?

Jirô: O carro de verdade!

Kiku: Ah, sim! O *ônibus*, né?

Jirô: Não, não é *ônibus*, é *ônibus*! Até agora você deve estar falando *shobbing*, ou *guesolina*.

---

<sup>6</sup> *Shôji*: porta de correr feita de papel branco, em uma moldura de madeira, muito comum em casas japonesas tradicionais.

Kiku: Mas, ultimamente, não se usam mais essas palavras. Pois, no interior, como aqui, não temos nem *shobbing*.

Jirô: Ahan! Te peguei, sabia!

Kiku: (*disfarçando*) Então, onde foi que o carro enguiçou?

Jirô: Quando peguei o último ônibus das oito horas na noite passada, bem na metade do caminho, naquele desfiladeiro.

Kiku: Enguiça sempre, naquele lugar.

Jirô: Por mais que esperássemos, não consertavam. E acabei tirando uma soneca dentro do ônibus, cobrindo-me com o casaco. Quando acordei, passava das três horas. E vim andando por cerca de quatro quilômetros.

Kiku: Por uma estrada de noite, puxa! Nossa!

Jirô: Mas é uma estrada tranquila. Além disso, estava claro. As luzes das estrelas iluminavam a estrada.

Kiku: (*endireitando-se*) Pois então, Jirô, meus pressentimentos estavam certos. No meio da madrugada, eu acordei de repente e me troquei. Sei lá, uma sensação estranha, não conseguia mais voltar a dormir.

Jirô: Adivinhou que eu estava vindo?

Kiku: Sim, eu acreditava que um dia você viria.

Jirô: Achava que eu viria neste lugar tão longe só para te visitar? Eu, hein!

Kiku: Mas, Jirô, ninguém viria neste lugar só para ganhar dinheiro... mesmo que tenha vindo para ganhar dinheiro, só de te ver, só isso basta para me deixar feliz.

Jirô: Lógico que fica feliz! Ficar com vontade de vir a um lugar desses é prova de que tudo se acabou. Eu nunca teria decidido vir para um lugar desses se não fosse assim. A minha vida já se acabou, entendeu?

Kiku: Nossa, que coisa mais estranha você está dizendo! Mas você acabou de completar dezoito anos, não é? Por que se acabou com dezoito anos? É estranho isso.

Jirô: Mesmo que sejam só dezoito anos, tenho inteligência suficiente para entender que minha vida já acabou.

Kiku: Como? Se nem ficou careca! Nem corcunda! E ainda com essa bochecha rosada!

Jirô: É que você não consegue ver, só isso. Meu cabelo parece preto, mas, na verdade, está todo branco. Tenho dentes, mas estou sem dentes. E a coluna, você a vê ereta, mas está toda corcunda.

Kiku: Eu, de fato, não entendo.

Jirô: É, você não entende mesmo.

---- *Pausa*----

Kiku: Mas, Jirô, por acaso... você... por uma moça de... hum...

Jirô: Está me perguntando se me apaixonei?

Kiku: Sim, não teve nenhuma paixõzinha?

Jirô: (*interrompendo a fala*) Não, eu nunca amei uma mulher, nem nunca fui amado.

Kiku: Então não teve nenhuma decepção amorosa.

Jirô: Há, há, há... você é boba mesmo! Decepção amorosa é coisa de criança!

Kiku: (*com os olhos arregalados*) Nossa! Então o quê? Foi traído por um amigo?

Jirô: Amigos? Nunca tive um.

Kiku: Então foi reprovado?

Jirô: Escola, já deixei faz tempo!

Kiku: Então foi maltratado pelo mundo, é isso?

Jirô: Não, só fiquei em casa sem fazer nada.

Kiku: Então, afinal, por que sua vida vai acabar? Por que vai acabar o que nem começou?

Jirô: Acabou sem ter começado.

Kiku: Você acha que eu sou boba? Tome cuidado, se me fizer de boba, vai ver só!

Jirô: (*estalando a língua com certa raiva*) Velha fedorenta, sua metida!

Kiku: É isso, você está nervoso porque dormiu mal a noite passada. Durma mais um pouco. Então durma bem até amanhecer, enquanto preparo o café da manhã. Assim se sentirá melhor quando acordar. Vou agora preparar sua cama.

Jirô: (*levanta-se, abre um pouco o shôji para espiar lá fora*) Então, Kiku, por que todas as plantas e árvores do jardim estão murchas? E não tem nenhuma flor. Que sensação ruim, o jardim está todo escuro e muito silencioso.

Kiku: (*arrumando a cama*) Meu jardim está morto. Não dá flor nem fruto. Está assim já faz muito tempo.

Jirô: Esse muito tempo, desde quando seu esposo saiu daqui?

Kiku: Como você sabe disso?

Jirô: Eu sei de tudo. E não soube disso nos livros. É que esses dias conheci um homem-sanduíche vestido de Chaplin em Ginza. E ele é solteiro, e seus dois únicos prazeres são tomar café e assistir a filmes. É alguém que fica feliz só em tomar café e assistir a filmes. Foi ele que me contou essa história.

Kiku: Essa história, que história?

Jirô: A história do travesseiro!

Kiku: (*senta-se, perturbada*) Ah! Jirô!

Jirô: Ele disse que você tem um estranho travesseiro, não tem? Pare! Não faça essa cara assustadora! Pois só estou contando exatamente o que eu ouvi do Chaplin.

Kiku: Bem, você não deveria levar essas histórias a sério.

Jirô: Como quiser! Em todo caso, você tem um estranho travesseiro, certo? Não sei como, mas você tem. Um dia, seu marido achou esse travesseiro, parece que foi no verão, dizem que ele tirou um cochilo com ele quando você saiu para fazer compras. De tardezinha, você voltou. Seu marido já não estava mais lá. Foi sabe-se lá para onde. Desde então, nunca mais voltou.

Kiku: (*tampando os ouvidos*) Pare com isso! É muito doloroso falar sobre isso!

Jirô: Desde esse dia, esse jardim não dá mais flor, nem lírios, nem cravinhos. Não é isso?

Kiku: Exatamente, é isso mesmo. Esse travesseiro veio, originalmente, muito tempo atrás, de Kantan<sup>7</sup>, uma aldeia da China, e se tornou um tesouro da minha casa, depois de rodar por vários lugares.

Jirô: Mas por quê? Se dormir com esse travesseiro...

Kiku: Não sei o motivo, nunca dormi com ele por ter muito medo.

Jirô: Chaplin me disse o seguinte: quando se sonha usando esse travesseiro, tudo se torna uma besteira. E, olhando para a cara da esposa, fica sem saber por que estava vivendo com ela. Por isso acaba saindo de casa.

---

<sup>7</sup> Atualmente, cidade de Handan, na China.

Kiku: (*chora*)...

Jirô: Desculpa, fiz você chorar? Desculpa.

Kiku: É muito estranho você se desculpar assim. Você não tem culpa nenhuma.

Jirô: Mas, Kiku, é sério que, desde então, nunca mais usou esse travesseiro?

Kiku: Vou contar tudo. Desde então, já usei três vezes esse travesseiro.

Jirô: Três vezes?

Kiku: Sim, três vezes. Depois que meu marido desapareceu daquele jeito, sabe? Há gente excêntrica entre os homens, e eu fui muito cortejada. E, em todas essas vezes, aquele travesseiro foi útil, mas que estranho carma, não?

Jirô: Foi útil, quer dizer que todos fugiram?

Kiku: Bem, em outras palavras... este... como é difícil dizer.

Jirô: Diga! Diga!

Kiku: É que é difícil falar, mas não é nada de que me envergonhe.

Jirô: (*toca o joelho dela*) Diga! Kiku, diga!

Kiku: Você, quando queria doces, me pedia desse jeito, sacudindo meus joelhos.

Jirô: Diga! Não mude de assunto!

Kiku: Vou dizer... graças àquele travesseiro pude defender minha honra, castidade, fidelidade.

Jirô: Hum! Como assim?

Kiku: Bem, quando me sentia ameaçada, entregava aquele travesseiro. Todos os homens, quando despertavam, achavam este mundo sem graça e nem me davam bola. E, Jirô, um por um partiu para uma viagem sem rumo, ninguém sabe seus destinos.

Jirô: Achar sem graça, afinal, o quê?

Kiku: Mulheres, dinheiro, prestígio etc.

Jirô: Ah, sim, se é isso, nada vai me surpreender. As mulheres são bolhas de sabão, dinheiro também é bolha de sabão, também o prestígio e o que se reflete nessas bolhas de sabão é o mundo em que vivemos, bah! Todos sabem disso.

Kiku: Isso você só sabe por palavras.



Jirô: Mentira! Fiquei sabendo de tudo, por isso minha vida acabou. Por isso, Kiku, só eu posso, tranquilamente, dormir nesse travesseiro.

Kiku: Será? Fico triste só de pensar que depois de você usar esse travesseiro vai me ver como se não me conhecesse, com olhos de um estranho, e vai partir.

Jirô: Não tem perigo, asseguro que comigo não tem perigo... não vou ficar como aquele Chaplin.

Kiku: Chaplin?

Jirô: Sim, ou seja, seu marido.

Kiku: Mas como sabe?

Jirô: Veja, eu sei de tudo.

---- *Pausa*----

Kiku: Então, Jirô, vamos fazer assim: se o travesseiro fizer você se perder no mundo, deixe-me acompanhá-lo.

Jirô: Ora, ora, você já tomou uma decisão. Para mim, o travesseiro não surte efeito. Eu vim até aqui, especificamente, para provar que não surte efeito.

Kiku: Ah, mas, se fico olhando seu rosto, tenho a impressão de estar vendo a água que corre para longe.

Jirô: O que está dizendo? Já vai amanhecer, ande logo, me passe o travesseiro.

Kiku: Se me prometer que me levará junto com você...

Jirô: Não adianta prometer, não vou sair daqui.

Kiku: Mas se...?

Jirô: Você espera por esse "se", não é isso? E depois vai querer procurar seu marido, não é?

Kiku: (*envergonhada*) Que bobagem!

Jirô: É isso, é isso, veja! Ficou até corada!

Kiku: Você não entende, esperar é muito penoso.

Jirô: Que tal você também dormir com esse travesseiro? Então, poderá esquecer seu marido.

Kiku: Tenho muito medo. É assustador o efeito deste travesseiro...

Jirô: Se tem medo, desista. Vamos, me passe o travesseiro!

Kiku: Eu pretendia envelhecer assim, tranquilamente, mas, ah! Por sua causa, uma vã esperança...

Jirô: Hum, isso é uma em mil, Kiku, é uma possibilidade em mil.

Kiku: Tudo bem, vou trazer o travesseiro.

Jirô: Ah! Que sono! Vá logo, já vai amanhecer!

Kiku: Sim, já, já... *(ela se retira em seguida.)*

(Coro)

*Não há culpa no travesseiro*

*A culpa é de quem o usa*

*Os pássaros já não cantam*

*Flores já não florescem*

*Mas a culpa não é do travesseiro*

*A culpa é do homem*

*A culpa não é do travesseiro*

*A culpa é dos pássaros*

*A culpa não é do travesseiro*

*A culpa é das flores*

*As matas são sempre verdes*

*As matas balouçam ao vento, quanto rancor*

*Tremulam, tremulam*

*A culpa está nos lírios que não florescem*

Nesse ínterim, a encenação muda silenciosamente. Jirô tira o paletó e entra no leito. Kiku aparece com o travesseiro na mão, coloca sob a cabeça de Jirô. Nesse momento, termina o coro. Beldade entra pela frente do palco, coloca a máscara. Está vestida com uma saia longa.

Beldade: Jirô, Jirô...

Coro: Acorde! Acorde!

Beldade: Jirô, Jirô...

Coro: Acorde! Acorde!

Jirô: *(acorda e se senta)* O que foi? Quem é? Quem é você? Como é bonita!

Beldade: Adivinha quem sou eu?

Jirô: As mulheres são sempre assim. Nunca falam, simplesmente, seus nomes.

Beldade: Você gosta de mulheres submissas, né? É bastante antiquado. Mas não tem graça se não for uma mulher que demonstre certa resistência.

Jirô: Mas que saco! Isso é um clichê.

Beldade: Meu nome é Clichê, sabia?

Jirô: Nome tão besta, nunca ouvi!

Beldade: Tá vendo? Se meu nome for Clichê, isso não é mais um clichê.

Jirô: Isso nem é um trocadilho.

Beldade: Ué, você está tremendo! Suas mãos, olha, estão tremendo como borboletas, vou pegá-las. (*Envolve as mãos de Jirô entre as suas*) Peguei. Se não, suas mãos iam sair voando de você!

Jirô: Você é boa de imaginação, né.

Beldade: (*sorri de forma astuciosa*) Estou apenas imitando você.

Jirô: O que você acha que acontece quando uma mulher que conhece os homens imita um homem que não conhece as mulheres?

Beldade: Que coisa complicada, Jirô!

Jirô: Resulta em uma mulher que nunca soube o que é um homem.

Beldade: Com essas palavras, fica se vangloriando... Jirô, vamos beber o saquê que eu trouxe.

Jirô: Não quero! Não gosto de ficar bêbado.

Beldade: Mas não tem saquê que não embriague.

Jirô: Por isso não gosto de saquê.

Beldade: Você está dizendo isso agora, mas daqui a dez anos você será um cachaceiro.

Jirô: Pode-se dizer que sim. Mas onde está a lógica de eu ter que beber agora, já que vou virar cachaceiro daqui a dez anos?

Beldade: Quando você começa a argumentar, seus olhos ficam uma graça! Você fica embriagado com seus próprios argumentos.

Jirô: Ah! Passou uma coisa assustadora por teus olhos.

Beldade: O que era?

Jirô: Nos olhos de uma mulher, às vezes, passa um lobo.

Beldade: No mínimo, você confundiu com um pastor alemão.

Jirô: Não gosto de você nem um pouco.

Beldade: Mesmo assim, daqui a seis meses, nós vamos nos casar.

Jirô: Não gosto de você nem um pouco!

Beldade: Mesmo não gostando, vamos nos casar em breve.

Jirô: Ninguém gosta da sujeira que se junta nos bolsos, mas essa sujeira se acumula sem a gente perceber e fica lá amontoada. Nenhuma lavanderia é tão boa a ponto de tirar as sujeiras nos bolsos.

Beldade: (*cantando*) A lavanderia não é tão boa assim... e, depois, lua de mel.

Jirô: Muita gorjeta, paisagens que se apreciam com tédio, fotos mal tiradas, em outras palavras, como o macaco e a macaca que atravessam a corda bamba com suas sombrinhas nos *shows* dos festivais que a gente assistia quando criança.

Beldade: Você fala como se tivesse visto.

Jirô: Mas a lua de mel não passa de um simples teste! Não acha?

Beldade: (*batendo palmas ritmadamente*) Para uma criança, você diz coisas impressionantes!

Jirô: Passados cinco anos, você estará reluzindo como uma bicicleta que eu deixei tinindo. Só isso. Depois, a bicicleta só vai enferrujando. E um bom marido é o homem que não deixa a esposa perceber que consegue andar mesmo que não tenha uma bicicleta.

Beldade: Você acha que, com essas palavras, me deu o golpe de misericórdia, isso é ilusão. Eu saio ilesa, sem nenhum arranhão. Pense bem, de manhã, eu acordo antes e tosto o pão, preparo um ovo quente, coloco esse ovo no suporte, e você vai quebrar a casca com a lateral da colher, assim, ta, ta, ta...

Jirô: E daí? Ovo é ovo.

Beldade: E eu vou dizer: “Você é desajeitado, deixa que eu faço pra você”

Jirô: Viu só? É essa impertinência que não gosto!

Beldade: Ah, não, este ovo já está todo cozido!

Jirô: Cozinha de mulher é sempre assim. Ou cozinhou demais, ou está cru, ou muito salgado, ou muito insosso.

Beldade: Vou descascar direitinho para você, né, viu? E coloco na sua boca. (*De repente, dá um beijo.*)

Jirô: Estou sem ar! Está me sufocando!

Beldade: Que bobo! Você não sabe de nada, né. Para que serve o nariz? Quando estiver beijando, é para respirar pelo nariz.

Jirô: Eu não gosto de respirar pelo nariz.

Beldade: Ah! Por isso está sempre com a boca entreaberta.

Jirô: Como você é bonita!

Beldade: Finalmente percebeu!

Jirô: Eu tive a impressão de ter sido beijado por uma máscara.

Beldade: Todo beijo de mulher é assim.

Jirô: Você é realmente bonita. Mas, se tirar a pele, não passa de um esqueleto.

Beldade: Como?

Jirô: Se tirar a pele, não passa de um esqueleto.

Beldade: Que horror! Nunca tinha pensado nisso. (*Passa a mão no rosto instintivamente.*)

Jirô: Você acha que há caveiras mais bonitas que outras?

Beldade: Bem, acho que tem, com certeza.

Jirô: Mas que autoconfiança! Mas, quando você me beijou agora, embaixo de seu rosto, eu percebi que seus ossos estavam sorrindo.

Beldade: Se o rosto sorri, os ossos também sorriem.

Jirô: Veja o que você está dizendo. Tem que falar assim: “quando o rosto sorri, os ossos estão sorrindo”, isso é certo. Mas, quando seu rosto chora, seus ossos também estão sorrindo. E a caveira está dizendo o seguinte: “se quiser sorrir, sorria, se quiser chorar, chore, está chegando meu reinado”

Beldade: O reinado dos ossos! Que beleza, pensar uma coisa dessas!

Jirô: Tá vendo? Para uma mulher, só existem dois comentários: “que lindo” e “você é bobo”, só esses dois.

Beldade: Mas que gracioso menino mordaz!

(*A mulher olha para Jirô com ternura. E imediatamente se faz ouvir um choro de bebê dentro de um cesto, no canto esquerdo do palco.*)

Beldade: Olha, nasceu nosso bebê!

Jirô: Hum, é como assar um pão.

Beldade: (*espiando o cesto*) Mas que lindo! Reconhece a mamãe? Bububu, bah, bububu...

Jirô: Pare, parece boba, como uma palhaça.

Beldade: Olhe, vamos ver o papai, tudo bem? Não é para chorar, ele ainda é uma criança, mas é temperamental. (*Traz o cesto para perto de Jirô*)

Olhe, é o papai. Papai! Veja, é o nosso primeiro filho.

Jirô: Ora, ora, então é o primeiro esqueleto?

Beldade: O que acha? Parecido com você ou comigo?

Jirô: (*virando o rosto*) Nasce uma criança. Neste mundo, em trevas. Pois dentro da barriga da mãe é bem mais claro. Há gosto pra tudo, por que procura nascer em um lugar mais escuro? Que ridículo! Não entendo!

Beldade: Olhe só, está piscando. Sorriu!

Jirô: O esqueleto já aprendeu a sorrir. Não acha terrível isso? Ei, você!  
(*Para chamar atenção dela.*)

Beldade: Bilu, bilu, bilu, bilu...

Jirô: Ah! Que isso seja um sonho!

Beldade: Bilu, bilu, bilu, bilu...

Jirô: Ah! Que isso seja um sonho!

Beldade: Veja, ele está sorrindo, olhando para você!

Jirô: Hein, ele parece comigo? Ou com você?

Beldade: Você fica falando isso, mas tá vendo? Você se interessa!

Jirô: Hein? Com quem se parece?

Beldade: Com essa cara de bravo, o nenê vai chorar. É uma pena, mas parece mais com o pai do que comigo.

Jirô: Parece?

Beldade: Olhe! Esta sobrancelha, este nariz, esta boca... vejo seu rosto emergindo do rosto dele.

Jirô: Então ele parece comigo!

Beldade: Fique contente!

Jirô: Ah, que horror! Ele se parece comigo!

Beldade: Mas quanta modéstia!

Jirô: Nascer um ser parecido comigo, ah, que horror!

Beldade: (*solta um grito*) Ah, não faça isso!

Jirô: (*com o cinzeiro que estava na cabeceira dele, golpeando dentro do cesto*) Toma! Toma!

Beldade: Pare! O que está fazendo? Pare!

Jirô: Morreu!

Beldade: Meu bebê! Coitadinho, coitadinho...

Jirô: Ele está melhor assim. Se ele vivesse e crescesse, teria que se arrepender de se parecer com o pai. Todos estão nesse círculo de estar repetindo.

Beldade: Nossa, como você é ruim! Com ciúmes até do filho!



Jirô: Mas é lógico, não consigo perdoar quem se parece comigo.

Beldade: (*chorando*) Sua peste... sua peste!

Jirô: Olhe, olhe, o esqueleto está sorrindo.

Beldade: Mas, ainda assim, te amo!

Jirô: Não dá nem para começar se não for assim.

Beldade: Entendi! Matou a criança porque me amava. Porque tinha medo de intrometidos entre nós, não é? Gosto de você, te adoro. Finalmente, entendi. Você é muito apaixonado. Eu é que não entendia essa sua paixão. Fui boba. Desisto de ter bebê. Eu te perdoo, viu? Você inteirinho, da cabeça aos pés, tudo, eu perdoo.

Jirô: Por que a presunção das mulheres é assim, tão bem articulada?

Beldade: Jirô, em troca, não me abandone!

Jirô: Se você se tornar uma esposa fiel!

Beldade: Eu consigo. Faço qualquer coisa. Limpar o chão, fazer faxina, costurar, qualquer coisa. Se você me mandar andar nua pela cidade, também faço.

Jirô: Muito bem, bela decisão! Em primeiro lugar, você não pode ter absolutamente nada de ciúmes.

Beldade: Sim, aguento. Vou suportar qualquer coisa.

Jirô: (*espreguiçando-se*) Bem, então. Ah, sim, sou um pai que perdeu um filho. Preciso, pois, de um consolo. Assim, uma distração. Um *relax* que os outros homens têm.

Beldade: É isso mesmo, vá se divertir. Vou ficar vendo. O que quer que faça, vou ficar olhando, sem sentir ciúmes. Vou ficar vendo, vou me controlar. Consigo me satisfazer só de ficar te olhando. Sou feliz. (*Toca uma música lasciva, inesperadamente*) Eu, calada, como um lírio, vou estar te olhando.

Jirô: Grande flor de lírio. Vamos, me olhe, me olhe à vontade. Olhar é de graça.

(*Beldade se dirige para a cadeira do bebê, na saída do palco. Entrada de três dançarinas seminuas com máscara. Os três dançam em roda.*)

(Coro)

*Não há culpa no travesseiro*

*Quando se dança, o sol irradia, e as nuvens brilham*

*Quando se dança, a vida passa*

*Não há culpa na dança*

*Ah, ah, ah...*

*Quando se dança, as almas dançam*

Dançarina 1: Jirô... Jirô...

Coro: Dancem! Dancem! Dancem!

Dançarina 2: Jirô... Jirô...

Coro: Dancem! Dancem! Dancem!

Dançarina 3: Jirô... Jirô...

Coro: Dancem! Dancem! Dancem!

*(As três procuram convidar Jirô para a dança, sem sucesso. Jirô contempla a cena apoiando-se no cotovelo. No fim, as três se sentam em volta de Jirô.)*

Dançarina 1: Nossa, que lindos olhos, nunca vi um homem com olhos tão lindos!

Jirô: Não vai falar que é porque seu rosto neles se reflete?

Dançarina 1: Quanto elogio!

Dançarina 2: Moço, que dentes lindos!

Jirô: É porque todas as manhãs escovo os dentes com ácido sulfúrico.

Dançarina 2: Que primitivo! É lindo.

Jirô: Sua mão rechonchuda. Parece gostosa.

Dançarina 2: Coma quanto quiser. Ela cresce novamente.

As três dançarinas: Ha, ha, ha...

Jirô: Não riam, não conseguem dizer algo sem rir. Quando as mulheres riem, morro de tédio. Porque não sei quando param.

As três dançarinas: Nossa, que palavras lindas!

Dançarina 3: Então vou falar. Eu adoro sua testa. Ela é branca, larga, parece uma passarela!

Jirô: Seria uma pena fazer dela uma passarela, alguém de vocês deveria cuidar e transformar em uma horta.

Dançarina 1: Eu que...

Dançarina 2: Sou eu!

Dançarina 3: Não, sou eu!

Dançarina 1: Tudo bem, vamos fazer nós três.

Jirô: Ah, certo... vão arar, né? A semente... é... pode ser de cenoura e de bardana. Logo vai dar cenoura. Vai dar bardana. E vocês *(fazendo gesto*

*de arrancar*) vão arrancar cenouras desta minha testa. E também bardanas. E vão cozinhar na panela... e vão servir no prato.

Dançarina 1: E daí, o que vai fazer?

Jirô: Comer!

Dançarina 1: Uau!

Jirô: Limpar tudo sem deixar nada!

Dançarina 2: E depois...

Dançarina 3: Que linda história! E depois...

Jirô: É o fim!

As três dançarinas: Hein???

Jirô: E aí termina a história. É tudo assim no mundo. Entenderam? Se entenderam, vão embora!

Dançarina 1: Ah, não, Jirô, não quero!

Jirô: Mas que saco! Fora!

Dançarina 2: Que grosso! Mas é essa indiferença que é um pouco fascinante.

Jirô: Ai, que saco! Sai!

Dançarina 3: Tá, vamos obedecer, por isso quero uma boa gorjeta.

Dançarina 1: Da próxima vez, vamos nos divertir por mais tempo.

Dançarina 2: Jirô, você parece ser uma pessoa generosa. Eu adoro pessoas abertas.

*(A segunda dançarina fala com um cavalheiro de meia-idade mascarado de terno, enquanto ele se posta na saída do palco. Dá um sinal com os olhos para as dançarinas, assina um cheque e lhes entrega. As dançarinas e Beldade se retiram do palco.)*

Jirô: Quem é o senhor? O senhor pagou para mim? Lamento tê-lo incomodado. Aconteceu de eu estar sem trocado agora.

*(O cavalheiro se aproxima e entrega um cartão.)*

Secretário: Meu senhor, tenho a honra de ser seu secretário particular. O dinheiro que dei era seu. Com sua anuência, é claro. Assinei o cheque por procuração. Dei a elas dez mil ienes acrescidos de dois mil de gorjeta. Sem dúvida, está verdadeiramente impossível alguém se divertir nesses nossos dias, a não ser à custa de vastas somas. Arrancam-lhe até o último centavo que conseguirem. Basta estarem a par dos lucros da nossa companhia.

Jirô: Nossa companhia?

Secretário: Vossa companhia, senhor presidente!

Jirô: Presidente?

Secretário: Não existe necessidade de fingir ignorância, senhor. Isto não lhe cai bem. Parece ter certos caprichos.

Jirô: Ah! Presidente? Bem, tanto faz. Posso ser presidente. Pois então me traga o documento que discrimine o capital da empresa e o meu patrimônio.

Secretário: Pois não, senhor. Imediatamente.

*(O secretário faz um sinal para a saída do palco. Aparece uma funcionária com um telefone e um livro fiscal sobre uma bandeja. Coloca o telefone ao lado do travesseiro e o livro fiscal na frente do secretário e se retira.)*

Jirô: Então? Vamos, leia.

Secretário: Sim, senhor.

*(Secretário coloca os óculos. Telefone toca. Secretário atende.)*

Secretário: Sim, sim, ele está. *(Tampando o bocal com as mãos)* Novamente aquela firma Naniwa de Osaka. O mesmo problema de sempre...

Jirô: *(aborrecido)* Sim, sim. *(Pega o telefone)* Sim, sou eu... Sim... Ahn... Hum... Bem... Não... Ahã... Sim... Não... Sim... Hum... He, he, he... Não... Hum... Hum... Sim... Sim... Hum... Hum... Até logo. *(Desliga o telefone.)*

Secretário: Nossa! O senhor é a imagem viva do ex-presidente! Ao telefone, o senhor é rigorosamente idêntico. Era exatamente essa a maneira com que ele se desvencilhava de chamadas inconvenientes. Nisso ele era impecável. Dele jamais se ouvia um “sim” ou um “não”. Que glória saber que seu filho herdou seu gênio. Não se pode negar o sangue... nossa! Sentado aqui, sinto como se estivesse na presença dele. Ah! As lembranças que me chegam!

*(Tira os óculos e ergue o olhar.)*

Secretário: Pela manhã, tão logo abria os olhos, o ex-presidente mandava me chamar. Eu passava algum tempo à sua cabeceira para me inteirar dos planos para aquele dia e responder às chamadas telefônicas. Nisso chegava o jornal. Era da coluna de fofocas que ele gostava; depois das cotações da bolsa, era o que ele lia. Logo em seguida! Mesmo àquela hora da manhã! Vinha com seu tom de brincadeiras contar piadas, as de sempre! Minha nossa! Em seguida, sua famosa galinha cozida. Ele sempre quebrava o jejum com galinha cozida. As pessoas diziam ser essa a razão de, naquela idade,

ele ainda gozar de todo seu vigor. Durante um bom tempo, sua galinha cozida esteve muito em voga nos círculos financeiros. Maior honra não poderia ter-me tocado senão a de ter podido partilhar da sua galinha cozida. Todas as manhãs, agradecendo, sem dizer nada, eu comia moela, a parte dura do fígado, porque o ex-presidente comia as partes tenras, e eu, as demais partes duras. Ah, aquelas refeições matinais, como descrevê-las?

Jirô: Leia o documento.

Secretário: *(colocando os óculos)* Sim, senhor.

*(O telefone toca. Jirô atende.)*

Jirô: Sim... Sou eu... Hum... Blá, blá, blá... Nossa... Sim... Não... Hum... Sim... Sim... Ha, ha... Hum-hum... Não... Até logo.

Secretário: *(abaixando a cabeça em sinal de cumprimento)* Que esplêndido! É isso mesmo!

Jirô: E a contabilidade?

Secretário: Pois não, senhor.

*(Toca o telefone, secretário atende.)*

Secretário: Sim... Sim... Sou eu... É, eu... *(levantando o dedo mínimo para Jirô, expressando que se trata da amante)* Sim, ele está. *(Passa o telefone para Jirô.)*

Jirô: Ahn? Sim, sou eu... mas a essa hora da manhã! Estou ocupado. Ah, garota, estou cheio das suas lamúrias. E você lá sabe? Já chega! Onde já se viu, chorar ao telefone, coisa horrorosa... está tudo acabado entre nós. Sim, acabado. O dinheiro mando depois pelo secretário. Entendeu? *(Desliga o telefone.)*

Secretário: Hum, fez muito bem. Que bela decisão! Bela medida, presidente. Imagino a alegria do ex-presidente no túmulo... mas quanta sensatez!

Jirô: E agora? Dá para eu saber da contabilidade?

Secretário: Pois não, senhor. Eu me deixei levar. O capital da firma, como o senhor não ignora, é de 230 milhões de ienes. Bens fixos...

Jirô: As minhas ações, qual é o montante delas?

Secretário: Pois não, senhor, hum... deixe-me ver... *(virando as páginas)*

Coro: Uuuh, uuuh, uuuh, uuuh... *(vaías de protesto)*

Jirô: O que foi isso?

Coro: Uuuh, uuuh, uuuh, uuuh... *(vaías de protesto)*

Secretário: Não merece sua consideração, senhor. O sindicato está promovendo agitação em torno de alguma coisa.

Coro: Uuuh, uuuh, uuuh, uuuh... (*vaías de protesto*)

Jirô: É muita agitação para um sindicato só...

Coro: Uuuh, uuuh, uuuh, uuuh... (*vaías de protesto*)

Secretário: (*dá uma olhadinha*) O senhor tem razão, o povo também está gritando.

Coro: Uuuh, uuuh, uuuh, uuuh... (*vaías de protesto*)

Jirô: E quanto montam as minhas ações?

Secretário: São 55%.

Jirô: (*repousando a metade da cabeça no travesseiro*) Liquida tudo isso!

Secretário: Pois não, senhor!

Jirô: Liquida tudo isso!

Secretário: Vai causar rebuliço no conselho e na assembleia dos acionistas.

Jirô: Antes de a gente passar para isso, e as minhas propriedades particulares?

Secretário: Oito milhões em bens imóveis, doze milhões em títulos – evidentemente encobertos por alguns malabarismos para escapar do imposto de renda –, o que totaliza vinte milhões de ienes, e mais...

Jirô: Antes de mais nada, liquida tudo isso.

Secretário: Senhor presidente, veja o que está fazendo! Veja o que está fazendo!

Coro: Uuuh, uuuh, uuuh, uuuh... (*vaías de protesto*)

Jirô: Vou distribuir para todos eles, e o resto vou doar para programas sociais.

Secretário: Deve existir um forte motivo por trás?

Jirô: Que motivo que nada! Só estou com sono. Só quero dormir. (*Ele vira as costas e dorme.*)

Secretário: (*voltando-se para o público*) Entendo. No fundo, ele tem aspiração para o mundo político. (*Leva o telefone da cabeceira para a mesa de brinquedo na saída do palco*) Alô... alô... é o jornal “Japão”? O responsável pela coluna de política, da seção “Sociedade”, sim, sr. Noyama, ele está? (*Voltando-se para o palco*) Preciso assessorar o presidente em sua carreira



política, ainda que isso acabe com minha saúde, ainda que isso acabe com minha vida... alô, alô, sr. Noyama, tenho uma notícia quente para você... sim, saindo do forno. O presidente da minha companhia está revertendo toda sua fortuna para os sindicatos e as obras sociais. Ele vai fundar um novo partido, sem um tostão. Isso mesmo. Por favor, dê a cobertura devida. Falo com você amanhã ou depois. Por favor... sim... por favor, isso mesmo...

*(O palco escurece. O secretário se retira. O coro canta a música de entrada de Beldade. A luz se acende. Dois cavalheiros idosos mascarados estão postados de pé, voltados à direita do palco.)*

Cavalheiro 1: A reviravolta é total.

Cavalheiro 2: De fato.

Cavalheiro 1: Isso é uma espécie de golpe de Estado.

Cavalheiro 2: Que belo golpe! Mas, mais do que um golpe de Estado, é um golpe de mestre.

Cavalheiro 1: Não faz nem três anos que ele dizimou toda sua fortuna e entrou no mundo da política.

Cavalheiro 2: Pensando bem, naquela oportunidade, a gente podia ter feito o mesmo.

Cavalheiro 1: Mas um pobretão que nem eu, por mais que empenhe minha fortuna, não chego nem aos pés.

Cavalheiro 2: Isso é o que você sempre diz. Aposto que está escondendo a fortuna embaixo do colchão<sup>8</sup>.

Cavalheiro 1: Para o velho colchão, tenho uma utilidade mais importante do que esconder dinheiro. No aperto, eu é que vou me esconder.

Cavalheiro 2: É vergonhoso ter medo da morte na nossa idade. Eu, por exemplo, carrego sempre um veneno comigo. É a etiqueta dos políticos atuais. *(Mostra com orgulho para o outro; o cavalheiro 1 olha cuidadosamente e, enquanto conversa, esquece sobre a mesa.)*

Cavalheiro 1: Mas, se controlarem o exército, acabou.

Cavalheiro 2: Pois é, todo o médio escalão do exército se aliou ao partido dele.

---

<sup>8</sup> No texto original, refere-se a poço-d'água. Substituímos por "colchão" por causa do sentido cultural (N. T.).

Cavalheiro 1: Besteira essa história de heróis. Qualquer um pode se tornar, se não tiver cobiça. Você pode conquistar mais poder e lucro por meio da indiferença do que da cobiça. Estamos num mundo em que toma o poder um moleque que, o tempo todo, como se fosse de sua própria vontade, diz e age como se não quisesse nem dinheiro, nem mulheres, nem honra.

Cavalheiro 2: O que aconteceria se o senhor agisse com indiferença?

Cavalheiro 1: Já é tarde demais.

Cavalheiro 2: Disso pelo menos o senhor já tem consciência.

Cavalheiro 1: No entanto, bem...

Cavalheiro 2: Permita-me adverti-lo, mas “no entanto” é uma locução que só pode ser usada por intelectuais; não é locução de político.

Cavalheiro 1: O senhor está ficando um rabugento. É inevitável, creio eu. Mas, como eu ia dizendo, no entanto, agora que ele tem os militares na coleira, a Câmara e o Senado na mão e é líder das organizações da juventude, o próximo passo é a guerra.

Cavalheiro 2: Os preparativos já terminaram. O senhor já percebeu como os empresários da indústria pesada deram para posar de patriotas ultimamente? Ontem mesmo, no Clube dos Industriais, alguém fez um discurso que me deu uma indigestão brutal.

Cavalheiro 1: Dizem que a comida de lá continua boa.

Cavalheiro 2: Pois é. Eu não aguento essa padronização das refeições. Meus rins sofrem se eu não como pelo menos uma boa refeição por semana.

Cavalheiro 1: É impressionante como os líderes preferem comidas insossas. Talvez eles se martirizem para ter a sensação de estar servindo a nação. Este aí com certeza dorme tarde, a julgar pela péssima qualidade do que come.

Cavalheiro 2: Enquanto dorme, os outros elaboram os planos para ele. Depois acorda com o rosto tomado por aquela palidez mortal. E faz discursos, preside comícios, recebe representantes estrangeiros. E é só.

Cavalheiro 1: E tudo está sob controle...

Cavalheiro 2: De um ditador dorminhoco!

Cavalheiro 1: Enquanto o ditador está dormindo, a programação se realizará.



Cavalheiro 2: Isso é um bom papel. O ditador dorminhoco. Da mesma forma, quando veio com os guarda-costas, tiveram que entupi-lo de estimulante para que os olhos ficassem arregalados como dois pires, a noite inteira.

Cavalheiro 1: Veja, enquanto nosso mestre dorme, a cidade já está acordada e trabalha.

Cavalheiro 2: Mas essas bandeirinhas balançando pelas ruas da cidade que nos viu nascer!

Cavalheiro 1: São lindas as nuvens da manhã no horizonte da cidade, mas só depois que fiquei velho e comecei a acordar cedo é que pude apreciar isso.

Cavalheiro 2: Não consigo escutá-lo. O Comitê dos Jovens já iniciou seu desfile.

Cavalheiro 1: Um estado em petição de miséria. Hoje em dia, os jovens acordam mais cedo do que os velhos.

*(A banda toca, ressoa cada vez mais alto.)*

Coro: Vida longa a Jirô! Vida longa ao nosso Jirô!

Cavalheiro 1: Estão dizendo “nosso Jirô”? É um mundo horrível!

Cavalheiro 2: Antigamente se dizia: “vida longa ao imperador”! Que deplorável, deplorável. As massas perderam o bom gosto.

Coro: Vida longa a Jirô! Vida longa ao nosso Jirô!

Cavalheiro 1: Ai, só de ouvir essas vozes, meu reumatismo estrila. Vamos para outra sala fumar.

Cavalheiro 2: Excelente ideia. Até que nosso ditador Jirô se digne a abrir os olhos, não é? O senhor trouxe os charutos, não é?

Cavalheiro 1: *(saindo do palco)* Ah, não! Esperava ser obsequiado com um dos seus.

Cavalheiro 2: Ah, não. Nos dias de hoje, não posso conceder-me esses luxos. *(Saem.)*

Coro: Vida longa a Jirô! Vida longa ao nosso Jirô!

*(Abaixa o tom da voz. O som da banda também se distancia. Um velho mestre mascarado entra seguido por dois médicos. Postam-se em torno da mesa de brinquedo na saída do palco. E passam à discussão.)*

Médico-mestre: Shhiii! O soberano ainda está dormindo.

Médico 1: Ainda dorme.

Médico 2: Ainda dorme.

Médico-mestre: Temos que fazer uma reunião importante enquanto ele está dormindo. Fecho os olhos e vou tatear. Tudo bem? Toquei em algo.

Médicos 1 e 2: Tocamos, tocamos.

Médico-mestre: (*abrindo os olhos*) Oh! É um veneno!

Médico 1: Oh! É um veneno!

Médico-mestre: Temos de considerar que o processo que nos preocupava não vai dar para evitar. Eu levantei a tese do acaso na medicina e pedi para agradecer o apoio que vocês me deram. Em outras palavras, vou abreviar as explicações científicas detalhadas, mas se trata de uma nova tese que, em casos extremos, considera científico o que emerge de uma sugestão do acaso e, com base em dados, estabelece de antemão a adequação do tratamento. E eu, por acaso, acabo de tocar no veneno que estava caído aqui. De acordo com minha tese, para este doente aqui, só é necessário o veneno.

Médico 1: Não há como ter equívoco no que o mestre está dizendo.

Médico 2: Todos os discípulos da faculdade de medicina desta universidade consideram sua tese como tesouro.

Médico-mestre: Cavalheiros, estamos diante de uma situação deplorável. Nosso Jirô, nosso soberano deve tomar o veneno. É esta a situação com que nos defrontamos.

Médico 1 (*conversando com o Médico 2*): Devo dizer, é um diagnóstico rigorosamente científico.

Médico 2: Concordo. Nossas tradições acadêmicas não podem ficar à mercê de considerações políticas.

Médico-mestre: Rejubilo-me por ter conseguido aprovação dos senhores. Neste momento, nossa pátria está prestes a entrar em ação. E, nessa hora, termina a missão do soberano adormecido. Porque, desde o surgimento no mundo político até hoje, nosso líder seguiu dormindo durante três anos. Quem conhece este segredo, este grande segredo nacional, é somente este que vos fala e mais alguns outros que têm a ver com esta questão importante. Sempre alguns substitutos atuavam no lugar do soberano, contribuindo com sua manutenção do poder. A nação poderia ser comparada a uma rica senhora, que comparece a festas com uma imitação perfeita de um colar de brilhantes que ela mantém guardado no cofre.

Médico 1: Ora, ora.

Médico 2: O que acha dessa jovialidade da paixão do mestre? Temos que aprender muito com isso.

Médico-mestre: Portanto aqui acaba a era de mentiras, de farsas. Nossa pátria está pronta para passar à ação, as máquinas começaram a se mover em alto e bom som. A fonte dessa energia não está no soberano, nem nos que o rodeiam, mas nos jovens está na força de união dos jovens.

Médico 1: Mas que encanto!

Médico 2: Tem o verdadeiro fervor de um cientista.

Médico-mestre: A maquinaria já começou a avançar. Um soberano adormecido não nos é necessário. É necessário que o ditador adormecido morra.

*(Os Médicos 1 e 2 aplaudem. Jirô acorda e senta-se na cama.)*

Jirô: Que foi? Que foi? O que está acontecendo? Ei! Você aí!

Médico-mestre: Chegou a hora da partida do nosso soberano. Permito a aproximação de pessoas próximas.

*(Beldade e as três dançarinas aparecem cabisbaixas carregando uma veste preta. O secretário entra no palco. Todos se sentam reverentemente em torno do leito.)*

Jirô: Que estranho! O que deu em todo mundo? Por que será que se calaram de repente? Ei! *(Cutucando uma das dançarinas)* Ué! Está chorando! O que te entristece? Mas que mulher estranha!

Médico-mestre: Vamos dizer adeus ao nosso soberano. *(Todos se prostram no chão.)*

Jirô: Mas que silêncio! Ei, minha esposa, o que aconteceu com o lírio? Perdoe-me por ter matado o bebê.

Médico-mestre: Um copo-d'água.

Médico 1: Pois não.

Médico-mestre: Queira tomar este remédio.

Jirô: E o que é isto?

Médico-mestre: Vamos, tome, por favor, de uma vez, todos acompanham seus últimos momentos.

Jirô: Não brinque, não quero! Eu ainda não quero morrer!

Médico-mestre: Deixe de teimosia e, por favor, enfrente a morte com destemor.

Jirô: Insistente, você! Já disse que não quero morrer.

Médico-mestre: São os derradeiros momentos de um soberano. Por favor, não aja de forma desonrosa.

Jirô: Não, não quero morrer. Por que vocês não o impedem? Quanta insensibilidade! Ficar chorando não serve pra nada! Nessas horas mulheres não servem pra nada.

Médico-mestre: Não precisa falar mal das mulheres nessas horas. Vamos, esvazie o copo de um só trago.

Jirô: Não quero, não quero e ponto-final.

Médico-mestre: Assim não dá. Para que não fique feio... ah, já sei! Vou convencê-lo de que tome. Por favor, retirem-se, deixem tudo por minha conta, creio que os senhores querem assistir a seus últimos momentos, mas agora, por favor, retirem-se. *(Todos se retiram, deixando só o Médico-mestre.)*

Médico-mestre: Escute, Jirô, vou te convencer. Escute com calma. Nós somos espíritos da terra de Kantan. Certo? Acho que isso você também sabe. Quem dorme sobre este travesseiro tem que atingir a iluminação, essa é a sina. Antigamente, as pessoas descobriam a efemeridade desta vida enquanto cozinhavam o sorgo. Agora também é assim, enquanto sonham, vivem toda uma vida submissamente. Para intensificar a compreensão da efemeridade desta vida ao despertar do sonho, ofereço a pílula da imortalidade durante o sonho em que você se tornou um líder. Essa era minha missão. No entanto o que deu em você? Desde o começo, você não se esforça para viver. Falta-lhe sinceridade. Mesmo dentro do sonho, você rejeitou sua vida. Eu assisti a tudo isso.

Jirô: Mas, escuta, mesmo no sonho a gente é livre. Procurando viver ou não viver, o senhor não tem nada a ver com isso.

Médico-mestre: Mas sua atitude desrespeita a regra.

Jirô: Desrespeitando ou não, essa regra não me afeta.

Médico-mestre: Mas afeta a mim. Não tem como fazer entender a efemeridade desta vida a um louco como você. Não vou poder cumprir minha missão. Assim, não posso deixá-lo viver e devolvê-lo ao mundo. Se fizer isso, ignoro minha missão.

Jirô: Mas já disse que não quero morrer.

Médico-mestre: Contraditório! Contraditório! Vejo que falta fundamento lógico em seu argumento.

Jirô: Por quê?

Médico-mestre: Pois você não procurou nem uma vez viver neste mundo, em suma, você é um corpo morto em vida. O que significa, agora, não querer morrer?

*(Aproveitando uma distração, Jirô toma o remédio das mãos do mestre. O velho solta um grito e desaparece. O palco escurece. O shôji se ilumina aos poucos. Jirô está deitado em sua figura original antes do sonho. O shôji se ilumina aos poucos. Do lado de lá do shôji, ouve-se o piado de pássaros. Surge Kiku. Ela acorda Jirô, sacudindo seus ombros.)*

Kiku: Jirô, acorde!

Jirô: Hum, hum.

Kiku: Acorde, por favor. Estava dormindo com um rosto de anjo, puro, igualzinho a antigamente.

Jirô: Hum, hum.

Kiku: Vamos, acorde. O café da manhã já está pronto. O arroz está quente. Antigamente, você só comia arroz preparado por mim.

Jirô: Nossa! Já é manhã.

Kiku: Já amanheceu completamente. Está fazendo um tempo bom!

Jirô: Kiku, eu tive vários sonhos.

Kiku: *(abaixando o tom da voz, levada pelo receio)* Como eu imaginei...

Jirô: Você diz assim, mas comigo é um pouco diferente. A vida é como pensei que fosse. Não me surpreendo nem um pouco.

Kiku: Será que você também, como meu marido...

Jirô: Para você, seria melhor assim, não? Que eu parta numa viagem sem rumo.

Kiku: ...

Jirô: Desista. Desista também de seu marido. Não vou a lugar nenhum. Assim não terá chance de me acompanhar nem de se encontrar com seu marido.

Kiku: Você dizendo isso me deixa mais tranquila, fico mais fortalecida, que estranho.

Jirô: Kiku, essa é a verdade. Em suma, você está viva!

Kiku: Jirô, isso quer dizer que você vai ficar sempre aqui, sem me abandonar?

Jirô: Fico. Vou ficar sempre aqui. Posso?

Kiku: Mas que alegria! Este quarto serviu para alguma coisa. Só de pensar que posso ficar só com você, que alegria! É como se a Kiku de dez anos atrás voltasse à vida.

Jirô: Vou ficar sempre aqui. Quem sabe até eu morrer.

Kiku: Eu também vou esquecer meu marido. Vivendo aqui, sinto que cheguei a um novo espaço terreno. Por que será, Jirô? Sinto que nunca houve uma manhã tão linda como esta!

Jirô: *(levanta-se, abre um cantinho esquerdo do shôji e sai para o terraço)* Mas que lindo! Kiku: Todas as flores do jardim floriram! *(Aumenta o som do canto dos pássaros.)*

Kiku: Como? Flores?

Jirô: Veja, lírios, rosas, cravinhos, violetas, crisântemos, que lindo! Floriram todas as flores!

Kiku: *(espiando pela fresta do shôji)* Que maravilha! Quem teria imaginado que um dia teria uma manhã como esta!

Jirô: *(com a voz ao longe)* Kiku, onde fica o poço para lavar o rosto?

Kiku: Ali, mais à esquerda!

Jirô: *(com a voz ao longe)* Veja, está tudo cheio de flores, em volta do poço!

Kiku: Estranho... estranho... o jardim renasceu...

--- Fecha a cortina----

## Referências bibliográficas

MISHIMA, Y. **Kindainôgakushû**. Tóquio: Shinchousha, 2010.

PINHEIRO, U. K. **Educação literária com teatro**: leitura cênica de Kantan – Travesseiro dos sonhos, peça da obra Kindainôgakushû Peças de nô moderno de Yukio Mishima. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade de Brasília, DF. No prelo.

Recebido em 17/03/2020

Aprovado em 18/05/2020

Publicado em 12/08/2020

